

PERIODICO LITTERARIO E RECREATIVO

REDACTORES DIVERSOS

SANTA CATHARINA—Desterro, 23 de Outubro de 1887.

**Assignaturas**

Por mez . . . . . 200 rs.

PUBLICAÇÃO SEMANAL

**JUPITER**

Desterro, 23 de Outubro de 1887.

**A BOA EDUCAÇÃO**

## II

Eis aqui, parece-me, a ideia a mais justa que se póde dar da differença que ha entre as leis e a educação.

A Lei, quando é só, é uma senhora e imperiosa, que constrange o homem no que lhe é mais caro, e de que é mais zeloso, quero dizer, em sua *liberdade*, que o entristece, que o contraria em tudo e que é surda a suas representações, e a seus desejos, que não sabe jamais afrouxar-se, que lhe não falla senão ameaçando-o, e lhe não mostra senão castigos.

Assim não é de espantar que o homem sacuda esse jugo logo que o pode impunemente, e que, não ouvindo mais do que lições importunas, entrega-se ás suas naturaes inclinações, que a lei reprimia, sem as mudar nem destruir.

O mesmo não ha a respeito da edu-

cação. Esta é uma senhora doce e insinuante, inimiga da violencia e do constrangimento, que ama por meio de persuasão; que cura de fazer agradaveis as suas instrucções, fallando sempre com razão e verdade e que tende a tornar mais facil a virtude, tornando-o mais amavel.

Suas lições, que por assim dizer começam com o nascimento do menino, crescem e se fortificação com elle, lanção com o tempo profundas raizes, passão bem depressa da memoria e do espirito ao coração, e imprimem-se de dia seus costumes, pela pratica e pelo habito, faz-se nelle uma segunda natureza, que quasi se não póde mudar, e fazem para com elle em todo o decurso da sua vida, as funcções de um legislador sempre presente, que em cada uma das «ocasiões lhe mostra o seu dever», e o faz cumprir com gosto e satisfação moral, ou interna.

Não nos devemos portanto espantar de que os antigos recommendassem tão affincadamente a boa educação da mocidade, e a considerassem com o mais seguro meio de tornar um imperio estavel e florecente, e os cidadãos felizes e virtuosos.

Era sua maxima captial que os filhos mais pertencem á Republica do que a seus paes; e que, por isso

não ao capricho delles se abandonar a sua Educação, mas que a Republica d'ella se deve encarregar «desvelladamente»; que por esta razão, os meninos <sup>de</sup> se devem educar, em particular, e na casa paterna, e sim em publico, por mestres communs, e debaixo de uma mesma disciplina, afim de que «se lhes inspire bem cedo o amor da Patria, o respeito para com as leis do Paiz, o gosto dos principios e maximas do estado», em que hão de viver, por isso mesmo que cada especie de governo tem o seu genio particular.

O espirito e caracter de um estado republicano differo muito do espirito e caracter de um estado Monarchico, e é pela educação, que elles adquirem.

Em consequencia dos principios estabelecidos é que Lycurgo, Platão Aristoteles, e todos os que nos tem deixado regras de governo, declaram que o principal e o mais essencial de ver de um magistrado, de um legislador, de um principe, é velar sobre a boa educação, primeiramente de seus proprios filhos que muitas vezes lhes succedem no emprego, e depois, dos cidadãos em geral forma-se o corpo da republica.

Elles notão que todas as desordens dos estados (e mesmo dos individuos entre si) vem sempre da negligencia deste importante dever.

J. C. B.

## A VIDA

Da união de dous entes que se amam, que se estimam, que unidos perante Deus e a so-

ciidade nunca mais se separarão senão pela morte, e entre os quaes não ha divergencia de qualidade alguma, nasce um fructo, uma creancinha bonita, bem formada e a quem ambos estimam tanto que são capazes de tudo sacrificar para que ella não soffra cousa alguma e a quem idolatram por ser a recompensa abençoada do seu puro amor.

A creança é um menino e chama-se «yôyô».

Logo depois de nascido vemos «yôyô» cercado de todas as caricias no collo de seus pais. A mãe dá-lhe beijos cuja doçura só ella pôde saber e o pai cerca-o de todas as distrações possíveis.

Cada um quer vê-lo em primeiro lugar, quer ter o prazer de ouvil-o dizer: «papá, mamã». Os avós quando lá apparecem e vêem aquelle anjo de belleza querem tambem ser chamados pelos doces nomes de «vovô, vovó».

Pouco a pouco se vai desenvolvendo aquelle organismo eo «pequeno» já começa a fazer as suas travessuras: quebra os oculos da «vovó», derrama a boceta de rapé do «vovô», etc.

E' chegado o tempo de mandal-o á escola.

Quão grande é o prazer do pai quando pela primeira vez vai leval-o ao templo da instrucção !

Quão immensa é a alegria da mãe quando «yôyô» de volta da escola diz-lhe: «Mamã, eu sube a minha licção e o professor passou-me para outra.

Annos depois vemos «yoyô» já formado, servindo de arrimo áquelles que lhe deram a existencia, aquelles que lhe nutriram com o seu trabalho e sem os quaes nunca teria representado um papel, mais ou menos importante, no grande theatro da vida.

Yôyô então já tem uma posição na sociedade. Depois vai definhando, até que segue a fazer acompanhar aos seus progenitores.

Em tres palavras cifra-se a vida do homem: «nacer, viver e morrer». «Nasce» pela união de dous entes que se encontram em um ponto determinado que se chama — «amor», «vive» para dar o seu tributo á patria e aos seus semelhantes e «morre» porque desde o nascimento traz a sua sentença.

## NOTICIARIO

Recebemos o n. 3 da *Revista Typographica*, dos empregados do *Jornal do Commercio* e o *Vigilante*, propriedade de uma associação.

Agradecemos a delicada visita de tão distinctos collegas, que, perfeitamente se têm salientado pelos seus brilhantes artigos.

O humanitario Grupo Dramatico *12 de Agosto* deu a 16 do corrente uma recita em beneficio da desventurada viuva e filhos de Thomaz da Costa Barbosa, na qual a generosidade e philanthropia de nossos Patricios não deixou de concorrer com o seu obulo, conforme o convite da mesma Sociedade.

A uns e outros louvamos por este acto de fraternal beneficencia.

Foi digno de nosso reparo, porém, o não ter merecido a honra do seu convite, esta Redacção, mas a boa cortezia e polidez fica aos seus auctores.

## PEDRO E SEU AMO

Bonito ! hoje sim, vens fa-  
ceiro, o que foi isto ?

—Não sabe que também fui  
vêr a abertura da Assembléa?

—E que resultado tiras-te?

—Algun ao menos; apresentei-me apezar de preto, estive nas galerias, e, com todo o respeito devido, presenciei todos aquelles actos.

—E quem te deu esta «fatiota»?

—Compreia a.

—Muito bem, vamos ao que nos conven.

—Sim, senhor, em primeiro lugar vou lhe mostrar uns versinhos que compuz.

—Vá lá.

O' meu amo, eu já lhe conto.  
Uma grande patuscada,  
O Olympio muito falla  
E na sua namorada.

A menina é bonitinha,  
Do Olympio o gosto approvo.  
E' por ella que se bota  
Com o seu *rodaque* novo.

Quando botou seu *rodaque*  
E sahiu a passear,  
Foi uma gostosa pandega  
O ver elle a namorar.

Elle tem um bom pensar  
Todo o dia está dizendo:  
Que ao fazer seus quinze annos  
Com ella se vai casar.

Quando bota a flôr no peito  
Ninguem o pode supportar  
Principalmente, meu amo.  
Quando vai a namorar.

E com esta eu faço ponto,  
Para não o encalstrar  
Que se não meu amo pensa  
Que só *vive* a namorar.

—Bravo! moleque, muito bem, estás um verdadeiro poeta.

—Não me admiro; tenho visto tantos e tantos, que é mesmo uma praga.

—E agora?

—Eu lhe vou contar outras cousas.

O Rodolpho Formiga subio á serra, quando vio o seu nome no jornal; mas o que quer? eu gosto d'elle, e todo o momento estou fallando; já lhe disse, não faça caso, e vá namorando. E por fallar n'isso, meu amo, conhece um mocinho que usa oculos, chamado Bazilio?

—Muito.

Este moço tem uma namorada que é louca por elle, em uma tarde d'estas elle recebeu uma carta tendo dentro umas folhas de malva macã e uma trança de cabellos, o rapaz meu amo, tão louco ficou, que rasgou a carta, dançou, pulou isto debaixo d'uma arvore em frente a Policia.

—E com esta vou-me embora.

Vai, e vê como te comporta.